

DIRETRIZES PARA A MÍDIA

COMO RESPONDER A
ATAQUES VIOLENTOS



WWW.VITAALERE.COM.BR
[@VITAALERE](https://www.instagram.com/VITAALERE)



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

APRESENTAÇÃO



Nos últimos anos o número de episódios de ataques com violência extrema em ambientes escolares tem aumentado. Tudo isso nos mostra como cada vez mais a sociedade brasileira e seus múltiplos agentes públicos e privados, organizações da sociedade civil, empresas, meios de comunicação, entre outros, precisam se unir em prol de um enfrentamento coletivo dessas crises, bem como através de uma atuação que trabalhe para enfraquecer a perpetuação dessas violências.

A forma como os meios de comunicação, ou os comunicadores em redes sociais e até mesmo a população geral veicula informações sobre ataques violentos, pode ser baseada em orientações profissionais e estudos sobre os impactos dessas mídias no comportamento social.

Sendo assim, o objetivo deste documento é **organizar de forma sucinta orientações necessárias sobre os cuidados relacionados à mídia e às formas de comunicação na divulgação e veiculação de informações e notícias sobre ataques violentos.** Além disso, entendendo que hoje a população geral opera um papel importante de transmissão e compartilhamento de informações através de suas redes e que familiares podem ficar com dúvidas sobre como falar sobre o assunto com crianças, trazemos partes específicas com esses temas.

Este documento foi baseado em publicações científicas, indicações de experts, consensos internacionais e na experiência de 10 anos do Instituto Vita Alere com a comunicação ética e cuidadosa envolvendo comportamento suicida.

Através desse documento, esperamos contribuir para um enfrentamento coletivo.

Atenciosamente,
Karen Scavacini

Diretora Executiva - Vita Alere

ÍNDICE

DIRETRIZES PARA A MÍDIA: COMO RESPONDER A ATAQUES VIOLENTOS

04

Recomendações gerais

06

Pontos importantes

07

Como as coberturas da mídia podem ajudar ou prejudicar

08

Em vez disso... faça isso!

09

Perguntas e respostas

10

Locais de ajuda

12

Conversando com crianças sobre violência na escola

15

Um olhar das emergências e desastres

17

Como fazer denúncias

18

Referências

19

Materiais complementares

20

Ficha técnica

- Não divulgue fotos ou vídeos sobre o momento do ataque ou das pessoas feridas ou mortas.
- **Não divulgue, em hipótese alguma, a foto, nome ou qualquer tipo de dado do agressor.**
- Não divulgue a maneira como o agressor entrou no local ou atacou as vítimas (local, arma, e etc).
- **Não mostre as armas, roupas, máscaras usadas no ataque.**
- Não mostre mensagens, diários, jornais ou materiais usados no planejamento.
- **Não dê detalhes de como ocorreu, evite a apresentação do ataque a partir de uma sequência de passo a passo.**
- Evite títulos sensacionalistas e com palavras "massacre", "tragédia", "desespero". Preferir títulos: ataque deixa feridos ou mortos (sem colocar o número).
- **Não fique passando a notícia em *looping*.**
- Evite mostrar o sofrimento e desespero daqueles que ficaram, como por exemplo a comunidade escolar e das famílias envolvidas. Portanto, procure demonstrar sensibilidade na condução das entrevistas.
- **Não publique qualquer conteúdo enviado pelo agressor.**

- **Evite estigmatizar a comunidade em que o incidente aconteceu, bem como a sua família. Estes atos de extrema violência são multicausais e complexos demais para procurar apenas um culpado.**
- Sempre que possível divulgue formas com as quais as vítimas e comunidades podem ser apoiadas com necessidades a curto, médio e longo prazo para prevenir outros incidentes.
- **Não foque na existência de um transtorno mental. Estudos mostram que pessoas com transtornos mentais diagnosticados têm menos probabilidade de fazerem tal ato. O histórico de violência e agressividade é mais comum do que ter um transtorno mental.**
- Quanto maior a exposição, maior a probabilidade de ser realizada a santificação do agressor, que passará a ser visto pelos seus imitadores como alguém corajoso que conseguiu, foi até o fim e pode ser copiado.
- **Não compare o número de vítimas com de outros ataques, isso pode estabelecer um número que outros queiram superar.**
- Não faça o que o agressor buscava: ter notoriedade e entrar para a história.

PONTOS IMPORTANTES

1 - Dependendo de como o ataque é noticiado, pode haver aumento do efeito contágio ou as imitações.

2 - Quanto maior a exposição e dano, maior a notoriedade o caso ganha nas comunidades incentivadoras de violência e maior publicidade o caso recebe nesse meio.

3 - Você precisa fazer a sua parte. A mídia tem um papel importante e pode ser usada de maneira positiva.

4 - Caso o ataque termine com o suicídio do agressor, não se refira como "o suicida" ou use expressões que possam aumentar o estigma. Jamais divulgue o método utilizado.



A COBERTURA PREJUDICIAL DA MÍDIA PODE:

- Aumentar o número de ataques.
- Colaborar para o aumento do preconceito com relação às pessoas que têm algum transtorno mental - a psicofobia.
- Transformar o ataque em um espetáculo.
- Ensinar jovens onde estão os grupos de incentivo e quais as formas usadas nos ataques, criando modelos a serem seguidos.
- Perpetuar o trauma aos sobreviventes, familiares e a comunidade.
- Culpar a família do agressor e estimular respostas violentas a eles.

A COBERTURA ÚTIL DA MÍDIA PODE:

- Fomentar ações e políticas públicas de cuidado na escola, na valorização do professor e da disponibilidade de profissionais da saúde mental no ambiente escolar.
- Focar nos sinais mais comuns de comportamentos violentos.
- Encorajar a falar sobre saúde mental e a necessidade de cuidado.
- Aumentar a conscientização em torno da violência escolar e de grupos extremistas
- Oferecer suporte e conforto aos que ficaram, à escola atacada, à comunidade.



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSSEÇÃO DO SUICÍDIO

Em vez disso...

Faça isso!

Focar no agressor



Foque naqueles que ajudaram na situação e fizeram diferença durante o ataque.

Reproduzir as mensagens encontradas nas redes sociais



Indique lugares em que as pessoas possam denunciar.

Tentar justificar o ato em detalhes simplistas ou causas únicas para o ocorrido



Amplie a discussão crítica para a demonstração da complexidade e presença de diversos fatores envolvidos.

Incitar ódio e violência
Sugerir que armas resolverão o problema



Demonstre que armar a população não é a saída para a situação. O fácil acesso à armas é um fator fortemente relacionado com ataques.

Ficar repetindo sobre o ocorrido, bem como apresentação do passo a passo da violência



Comente sobre as leis existentes e se elas têm funcionado, aumente o debate da responsabilidade política e pública com relação aos problemas e às soluções.

Enfatizar e buscar no bullying uma explicação inequívoca para o ato



Amplie o debate para o reconhecimento do bullying e desenvolvimento de estratégias de promoção de paz, justiça social na escola. Precisamos olhar para além do bullying!

Mostrar o nome dos grupos virtuais extremistas onde essas comunicações acontecem



Discuta sobre uso seguro da internet, como fazer denúncias e reconhecer se o jovem participa e porque de um desses grupos.

Dar palco de atenção ao agressor e status social - santificar o agressor



Mencione programas de prevenção e fale sobre necessidade de cuidado com a violência escolar.

PERGUNTAS E RESPOSTAS



O que podemos falar sobre o agressor e o que não podemos?

O ideal é não falar nada sobre ele. Quanto menos informações forem passadas, menos notoriedade ele recebe e menor o risco de identificação e imitação. Quanto menos do comportamento, planejamento e identidade do agressor for falado, menor a probabilidade de imitação.

Alguns estudos falam em apresentar as ações do agressor usando adjetivos como vergonhoso e covarde. A associação com certos comportamentos "negativos" se mostrou eficaz e diminui a sensação de recompensa.

Quais os principais cuidados a tomar ao reconstituir atentados a escolas?

O ideal é não reconstituir, quanto mais informações detalhadas, imagens, dramatizações ocorrerem, maior a probabilidade de imitação

A cobertura deve ser massiva? Links? Entradas ao vivo?

O ideal é não ter entradas ao vivo. Isso diminui o grau de "excitação" e o interesse no evento, o que pode influenciar que a imitação não seja tão atraente

A cobertura não deve ser massiva e nem conter recriações digitais do ocorrido



- 1** Considerando que muitos desses temas podem ser estressores e **gatilhos** para outras pessoas, sempre que possível **identifique** nas chamadas ou reportagens locais onde a população poderá encontrar serviços de saúde mental e uma escuta acolhedora para esses momentos de crise.
- 2** Saliente a importância de pedir ajuda e de diminuir o tabu e o preconceito quanto ao cuidado em saúde mental.



01. Centro de Valorização da Vida (CVV)



Suporte emocional e escuta pelos telefones 188 (24 horas e sem custo de ligação) ou pelo site

www.cvv.org.br

02. Mapa Saúde Mental



Neste site são indicados serviços públicos de saúde mental disponíveis em todo território nacional, além de serviços de acolhimento e atendimento gratuitos ou voluntários.

mapasaudemental.com.br

03. Pode Falar

Site com informações sobre saúde mental para jovens entre 13 a 24 anos de idade com um chat de ajuda.



<https://www.podefalar.org.br/>

04. UBS / CAPS



As Unidades Básicas de Saúde e os Centros de Atenção Psicossocial são os serviços públicos de saúde capacitados para acolher a população e são serviços de portas abertas.

PARA POPULAÇÃO GERAL

COMO PODEMOS FAZER A NOSSA
PARTE



WWW.VITAALERE.COM.BR
[@VITAALERE](https://www.instagram.com/VITAALERE)



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

CONVERSANDO COM AS CRIANÇAS SOBRE VIOLÊNCIA NA ESCOLA



Por: Maria Helena Franco

Entendemos que a escola é um lugar seguro para vivermos experiências necessárias para nosso desenvolvimento. Só que nem sempre elas são positivas, alegres, nem nos dão vontade de repeti-las ou de delas manter uma lembrança.

Também o lugar do adulto na relação com a criança implica essa base segura, para que as situações naturalmente presentes no desenvolvimento sejam vividas favoravelmente, sejam as positivas, as negativas ou aquelas que não são facilmente identificáveis.

Os casos de violência na escola têm evidenciado que o lugar do adulto na relação com a criança pede uma reformulação. A segurança do adulto também está abalada, sentindo mesmo que precisaria encontrar nova base segura para si, para se relacionar com a criança assustada sob sua responsabilidade e com seus próprios temores.

Pensando nisso e buscando oferecer estratégias de comunicação específicas para situações críticas, seguem aqui sugestões para facilitar o diálogo fazendo uso de acolhimento, firmeza, segurança e sinceridade. Vale lembrar que as crianças não entenderão da mesma maneira, porque fatores como seu desenvolvimento cognitivo, suas condições emocionais, o ambiente onde vive, facilitarão ou não essa compreensão.

Sempre é bom lembrar: não inunde a criança com informações! Ela precisa de tempo para processar o que ouviu, percebeu, entendeu. Acompanhar atentamente as reações, as falas e expressões do corpo possibilita estar junto para essa comunicação ser mesmo promotora de retomada saudável.

ACOLHIMENTO

A criança está assustada, o adulto também. O acolhimento se expressa por falas inclusivas, como um convite para estarem juntos



“Vamos falar sobre isto?”

“Eu quero estar com você agora, para a gente conversar.”

“É difícil falar quando a gente está assustado, mas faz bem. Vamos?”

VALIDAÇÃO

Aceitando a emoção da criança, que pode ser que ela nem consiga nomear.



“É mesmo muito triste o que está acontecendo.”

“A gente fica sem saber nem o que está sentindo, não é?”

“Às vezes, a gente sente muita coisa misturada, raiva, medo, tristeza.”

VALORES FUNDAMENTAIS

O que aconteceu é inaceitável em princípio. Como se explica, como se justifica, vai além do que é esperado por parte da criança, nem compete a ela, que precisa ser assegurada de que a violência não deve ocorrer.



“Foi mesmo uma coisa horrível (“muito feia”, “muito grave”, dependendo da compreensão da criança) que não pode acontecer.”

“Há pessoas que fazem isso e causam muito sofrimento aos outros. Isso nós não queremos fazer, não é mesmo?”

“O que aconteceu não pode ser imitado, ou copiado. É muito ruim para as pessoas.”

CONSEQUÊNCIAS

As mudanças desencadeadas pela violência podem não ser compreendidas ou aceitas pela criança, como medidas protetivas, intensificação na segurança na escola.



“Agora algumas coisas mudam, para a gente poder continuar nossa vida, ir à escola, ver os amigos.”

“Será necessário, para termos segurança.”

CULPA DO SOBREVIVENTE

A criança pode se perguntar por que ela não foi afetada ao invés de outros. Fazer sentido em uma situação de tal complexidade é mesmo tarefa de grande importância, que não se completa em curto espaço de tempo. As crenças nas quais a criança se baseia, como religião, podem ser úteis, mas é importante impedir que ela estabeleça um julgamento, como se aquele que foi atingido tenha sido castigado, por exemplo.



“Há tanta coisa para explicar por que seu amigo/amiga/professor/professora ficou ferido/está no hospital/morreu. Não foi um castigo para ele.”

MEDO DO AGRESSOR

É difícil assegurar a criança que ela estará protegida para que não aconteça de novo, mas vale destacar os esforços feitos nesse sentido.



*“Quem fez isto não pode mesmo fazer de novo.”
“As mudanças na escola, no bairro, na igreja são feitas para nós não sermos mais atacados.”
“Existem pessoas, profissionais que vão cuidar para que essa pessoa não nos cause mais sofrimento.”*

REAÇÕES PSICOSSOMÁTICAS

Pode-se esperar que a criança manifeste suas emoções no corpo, apresentando febre, dificuldade para dormir ou se alimentar, mal estar estomacal, por exemplo. Vale nomear ou traduzir o que o corpo está falando.



*“Às vezes, quando vivemos alguma coisa muito importante, nem conseguimos falar a respeito, mas nosso corpo está nos dizendo que não estamos bem.”
“Vai passar, você vai se tranquilizar e vai se sentir melhor.”*

O OLHAR DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES



Por: Daniela Reis e Silva - Instituto Acalanto

Quando uma situação violenta acontece em uma unidade escolar é importante considerar as contribuições da **Psicologia das Emergências e Desastres** para a organização das ações intersetoriais necessárias para a reorganização de toda a comunidade escolar e seu entorno. Pouca atenção tem sido dada à preparação de como atuar em situações críticas como essas que temos testemunhado e é urgente o estabelecimento de protocolos que possam orientar as equipes locais e os gestores a lidar com uma crise tão complexa.

Não estamos preparados para a escalada da violência na comunidade escolar por todo o Brasil, como temos vivenciado nos últimos tempos. Escola sempre foi vista como lugar seguro para estudantes e famílias, além de ser o local de preparação pedagógica e emocional de crianças, adolescentes e jovens. A comunicação costuma ficar prejudicada e alguns cuidados são necessários. Diante de incidentes críticos um “gabinete de crise” deve ser criado para que as ações sejam coordenadas e que as ações de resposta sejam feitas de forma mais ordenada. Desta forma, a imprensa deve seguir os comunicados oficiais e tomar algumas precauções que possam auxiliar na assistência e o cuidado com todos os afetados, sendo importante aliada, por exemplo, divulgando os pontos de assistência e locais de busca de informações.

O trabalho da segurança pública é crucial, bem como o das equipes de socorro. Identificar as pessoas afetadas, ofertar cuidados médicos e essenciais, garantir a integridade física, conectar crianças/jovens às suas famílias, são alguns cuidados iniciais, que precisam estar em tela. Após todos os presentes na escola estarem em segurança, muitas decisões importantes precisam ser tomadas, e é recomendado que haja uma equipe.

Esta equipe deve incluir profissionais especializados em saúde mental e crise, que possam colaborar para definir a reorganização do ambiente escolar que envolve infindáveis detalhes, como a comunicação e o acolhimento com

O OLHAR DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES



Por: Daniela Reis e Silva - Instituto Acalanto

as famílias das pessoas que morreram ou ficaram feridas, a limpeza da escola, a organização e entrega dos pertences e estabelecimento das novas rotinas, para que seja possível o retorno às aulas e às atividades em um ritmo possível.

Todas as alterações no ambiente da escola precisam ser feitas com cautela, consultando a diversos segmentos da comunidade escolar, de forma a proporcionar um senso de pertencimento, de participação e de possibilidade de ressignificar o ocorrido. No senso comum observamos falas como “a vida tem que continuar” e uma pressão para o retorno à rotina imediata. O impacto de situações de violência nas escolas é global, os efeitos psicossociais são de longo prazo e o cuidado precisa ser ofertado de forma ativa de acordo com as classificações de risco em saúde mental considerando: enlutados, feridos, sobreviventes, testemunhas, familiares e amigos em relação direta ou por semelhança dentro de uma mesma comunidade, que inclui os trabalhadores da resposta.

A atenção psicossocial deve ser ofertada desde o primeiro momento e pode ser realizada pelas Áreas de Saúde, Assistência e Educação, e até mesmo Segurança Pública, para que possam ser oferecidos os ‘Primeiros Cuidados Psicológicos’. São exemplos desses cuidados:

- 1) Estabelecer segurança e conexões com recursos disponíveis e rede de apoio
- 2) Perguntar para a pessoa como pode ajudar e oferecer ajuda prática
- 3) Ouvir com atenção, sem forçar o diálogo e evitar julgamentos
- 4) Reconhecer e validar emoções e sentimentos

Fundamental, portanto, investir na capacitação desses profissionais. Nessas ocasiões há uma enormidade de voluntários que comparecem ao campo para colaborar com essa assistência, que deve ser realizada junto aos órgãos públicos de maneira a construir uma linha de cuidados integrais que deverá ser estruturada para funcionar por tempo contínuo por meio de políticas públicas em estratégias individuais e coletivas.

SOBRE FOTOS, POSTS E VÍDEOS

Por: Juliana Cunha - Safernet

SE RECEBER FOTOS, VÍDEOS OU POSTS DO ATAQUE:

- 1** NÃO COMPARTILHE e NÃO POSTE EM REDES SOCIAIS
- 2** DENUNCIE OU REPORTE O CONTEÚDO
- 3** FAÇA A SUA PARTE!

DENUNCIE

Crimes de incitação à violência na Internet?
Acesse www.denuncie.org.br

Crimes de incitação à violência fora da Internet?
Acesse a Sala do Cidadão do MPF: www.mpf.mp.br/sac

Os Ministérios públicos estaduais também tem serviço de atendimento ao cidadão ou ouvidoria, procure pela página do MP de seu estado

As principais plataformas online não permitem publicação de conteúdos de apologia à violência com ameaças a alvos ou planejamento de ataques. Denuncie postagens suspeitas.

REPORTE



Para denunciar no Facebook: [CLIQUE AQUI](#)



Para denunciar no Instagram: [CLIQUE AQUI](#)



Para denunciar no Youtube: [CLIQUE AQUI](#)



Para denunciar no Twitter: [CLIQUE AQUI](#)

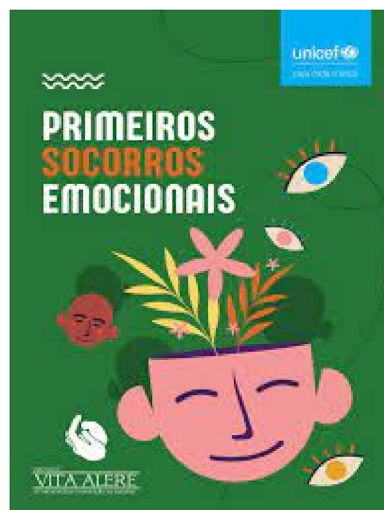
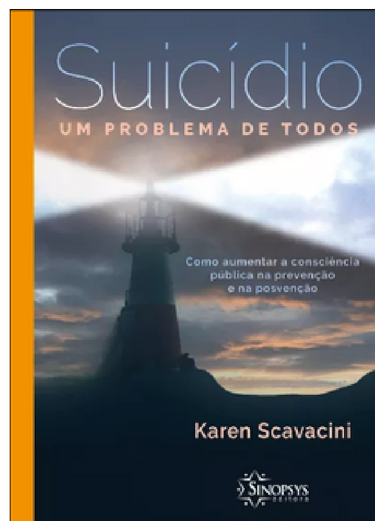
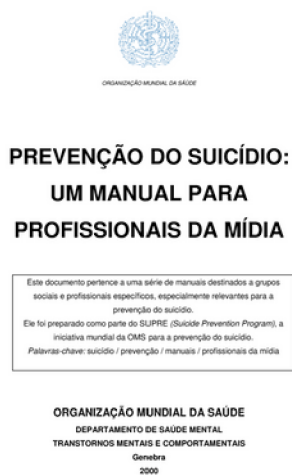


Para denunciar no TikTok: [CLIQUE AQUI](#)

- AKPAN, Nsikan. Why mental illness can't predict mass shootings. PBS NEWS HOUR [online], Estados Unidos, 17 Ago. 2019. Science. Disponível em: <<https://www.pbs.org/newshour/science/why-mental-illness-cant-predict-mass-shootings>> Acesso em: 05 abr. 2023.
- CARA, Daniel *et al.* O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. Relatório de transição de governo. Dezembro, 2022. Disponível em: <https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_Extremismo_DeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf> Acesso em: 05 Abr. 2023
- CANAL JEDUCA. Webinar “ A cobertura jornalística de ataques a escola”. Youtube, 01/04/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ubpnZlImL_w>
- DA OMS, UM MANUAL. Comunicação eficaz com a mídia durante emergências.
- FRANCO, Maria Helena Pereira. Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. O mundo da saúde, v. 36, n. 1, p. 54-58, 2012.
- FRANCO, M. L. (org). A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática. São Paulo: Summus, 2015.
- KLINGER, Amy; KLINGER, Amanda. THE EDUCATOR'S SCH. SAFETY NETWORK, 30 DAYS SINCE PARKLAND: SCHOOL-BASED VIOLENT INCIDENTS AND THREATS FROM FEB 15TH-MAR 16TH (2018), Disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/55674542e4b074aad07152ba/t/5aba8598562fa76217664d9f/1522173337463/fact+sheet+30+days+of+data+since+parkland.Educator%27s.School.Safety.Network.+www.ESchoolSafety.org.pdf>> Acessado em: 05 Abr. 2023
- KLINGER, Amy; KLINGER, Amanda. Keeping students safe every day: How to prepare for and respond to school violence, natural disasters, and other hazards. ASCD, 2018.
- LANKFORD, Adam; MADFIS, Eric. Don't name them, don't show them, but report everything else: A pragmatic proposal for denying mass killers the attention they seek and deterring future offenders. American behavioral scientist, v. 62, n. 2, p. 260-279, 2018
- MEINDL, James N.; IVY, Jonathan W. Mass shootings: The role of the media in promoting generalized imitation. American journal of public health, v. 107, n. 3, p. 368-370, 2017.
- SCAVACINI, Karen: Suicídio: Um problema de todos - Como aumentar a consciência pública na prevenção e posvenção do suicídio. Sinopsys Editora. 2022
- TOWERS, Sherry *et al.* Contagion in mass killings and school shootings. PLoS one, v. 10, n. 7, p. e0117259, 2015. doi:10.1371/journal.pone.0117259

- DO SUICÍDIO, OMS Prevenção. Um Manual para Profissionais da Mídia. Organização Mundial da Saúde, Departamento de Saúde Mental: Transtornos Mentais e Comportamentais. Genebra, 2000. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67604/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf?sequence=7>
- TEVES, Tom. A call to end the media coverage mass shooter want. Palestra proferida no TEDxMileHigh. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/tom_teves_a_call_to_end_the_media_coverage_mass_shooters_want> Acesso em 06 Abr. 2023
- Scavacini, Karen. Como falar de forma segura sobre o suicídio [recurso eletrônico] / Karen Scavacini ; revisão M. M. Izidoro. — 1. ed. — São Paulo : Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, 2019. Disponível em: <<https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2019/09/425263625-Como-Falar-de-Forma-Segura-Sobre-Suicidio.pdf>>
- Scavacini, K., Cacciaccaro, M. F., Pereira, M. R., Pessoa, G. C., & Motoyama, E. P. (2021). Saúde Mental de Adolescentes e Jovens (K. Scavacini & J. Fontoura, Eds.). Instituto Vita Alere. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Primeiros_socorros_emocionais.pdf>

Clique nas imagens para acessar o material na íntegra



Diretora Técnica

Dra. Karen Scavacini (CRP 06/64761)

Autoria (em ordem alfabética)

Dra. Daniela Reis e Silva

Me. Jessica Silva

Dra. Karen Scavacini

Dra. Juliana Cunha

Me. Luciana França

Dra. Maria Helena Franco

Projeto Gráfico e Diagramação

Beatriz Góes

Revisão

Me. Marcelle Ferrari

Realização e publicação

Instituto Vita Alere de Prevenção do Suicídio

Apoio

Safernet BR

ABEPS - Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio

Instituto Maria Helena Pereira Franco

Instituto Acalanto

IASP - International Association for Suicide Prevention

Ano

2023

www.vitaalere.com.br

contato@vitaalere.com.br

Para falar com o Vita Alere: [clique aqui](#)

11 97647-0989

@vitaalere